

NARRATIVAS DA VIOLÊNCIA: O LUGAR E A TERRITORIALIZAÇÃO NO BAIRRO GERARDO CRISTINO DE MENEZES, EM SOBRAL/CE.

Autores: Vicente de Paulo Sousa¹; Nilson Almino de Freitas²

¹Aluno do Programa de Mestrado Acadêmico em Geografia/MAG, da Universidade Estadual Vale de Acaraú-UVA. Centro de Ciências Humanas-CCH. E-mail: vicentypsousa@hotmail.com

²Professor de Antropologia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará, Pós-doutor em Estudos culturais pelo Programa Avançado de Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PACC/UFRJ, pesquisador associado do PACC/UFRJ e professor do Mestrado Acadêmico em Geografia. E-mail: nilsonalmino@hotmail.com

Resumo: O trabalho em destaque, trata de mostrar as narrativas de alguns interlocutores do bairro Gerardo Cristino de Menezes em Sobral/Ce. Aqui, eles tratam de responder sobre os objetivos propostos, que se traduzem na percepção e vivência dentro desse espaço, sobretudo, narrando como veem a problemática da violência dentro do bairro. A metodologia adotada seguiu as orientações da pesquisa de campo, com inserções, visitas, aproximação com alguns moradores, e conseqüentemente a gravação de seus relatos, com suporte no método de história oral, tentando interpretar suas falas na relação possível entre espaço vivido, lugar e violência. Para isso, se utilizou uma bibliografia pertinente ao tema: Alberti (2005), como auxílio metodológico, Aragão (2008) sobre periferia e estigma, Andrade (2007) sobre violência, e Souza (2013) com as reflexões sobre lugar e espaço vivido.

Palavras-Chave: Territorialização; Lugar; Violência

INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui explicitada é parte do estudo em andamento no Programa de Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. O recorte espacial em análise é o bairro Gerardo Cristino de Menezes em Sobral- Ce, tendo como foco da observação, as narrativas de alguns interlocutores sobre o lugar e a territorialização do espaço, sobretudo, quando se trata de perceber nas suas falas, o que eles têm a dizer sobre o assunto violência dentro daquele espaço. Este bairro carrega um estigma bem conhecido na cidade como perigoso, o que gera ações de segregação, evitação e outras manifestações de preconceito, além de conflitos internos e disputa pelo território. Os objetivos que norteiam essa pesquisa sinalizam no sentido de interpretar as narrativas sobre como é territorializado o bairro, a partir das experiências de alguns moradores, bem como, captar através de seus relatos, a percepção e as motivações para práticas de violência especificamente no espaço onde vivem. A justificativa do estudo sobre esse tema e nesse bairro se deu em virtude de algumas pessoas, mais especificamente, alunos de uma escola instalada naquele espaço, reclamarem sobre ações da polícia, que a princípio, parecia não respeitar as pessoas que eram abordadas. Segundo alguns disseram, parecia que todos ali, com base no tipo de abordagem feito, se enquadravam num estereótipo de marginais, perigosos ou vagabundos. Meu contato com esse público se deu na época de minha graduação, cujo estágio em licenciatura no ano de 2009, me proporcionou conhecê-lo e ouvir suas inquietações. No mestrado, em 2017, estas inquietações ressurgiram e ganharam força na minha vivência no bairro, provocando meu interesse pelo tema. Aqui, o bairro pode aparecer como um território, imbuído de um poder, como enfatiza Souza

(2013), pois, “Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (...), o ator "territorializa" o espaço (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

As periferias são espaços de fluxos intensos de pessoas, as relações de vizinhança são intensas pautadas na pessoalidade que controla condutas e comportamentos, e os que lá habitam podem ser considerados como pertencentes às classes sociais menos abastadas. Talvez seja a característica de pobreza a responsável por incutir em algumas mentes que todos os que habitam esses espaços têm no seu comportamento, inclinações às ações de cunho violento em suas diversas manifestações. Relacionar periferia, pobreza e violência, como se isso fosse uma relação intrínseca, pode ser bastante arbitrário, desumano e perigoso. É com o intuito de mostrar o ponto de vista do morador que essa pesquisa se debruça no sentido de expor as narrativas e analisá-las à luz das abordagens bibliográficas, possibilitando outra compreensão sobre os espaços estigmatizados e seus respectivos agentes.

METODOLOGIA

Para a execução dessa pesquisa foi adotada como metodologia a inserção efetiva no campo, ou seja, a observação, a conversação, a aproximação com os moradores através de visitas. A obtenção das narrativas seguiu as orientações do método de história oral, com gravações, transcrições e reprodução direta das falas dos interlocutores. Como sugere Alberti (2005) “A História oral permite o registro de testemunhos e o acesso a “histórias dentro da história” e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado” (ALBERTI, 2005, p. 155). Sendo assim, as interpretações sobre suas experiências não focam somente no passado, mas, sobretudo, como os interlocutores concebem o bairro e suas dinâmicas interativas no presente. Para este trabalho optei por trabalhar com narrativas de moradores sem envolvimento direto com a violência. Com o decorrer da pesquisa, vou delimitar minha atenção, abordando jovens envolvidos com práticas de violência e seus familiares. Para o momento vindouro, poderei explorar o tema a partir daqueles diretamente envolvidos em atividades que podem reforçar o estigma.

Os interlocutores não se opuseram quanto a revelação de seus nomes na pesquisa. Vale ressaltar que todos foram esclarecidos sobre a opção de não terem suas identidades reveladas, mas, mesmo assim, optaram por aparecer nas narrativas, portanto, assinaram termo de consentimento esclarecido. A primeira pessoa a ser entrevistada foi a senhora Francisca Claudenice, casada e técnica de enfermagem; o segundo entrevistado foi o jovem Railson Carlos, 22 anos, Gestor de Recursos Humanos, o terceiro, foi o senhor José Airton, 51 anos, vigilante, e no bairro, assumiu a presidência da Associação de Moradores de 2011 até julho de 2017, o quarto foi o senhor Luis Vilmar, jardineiro, e o quinto, o Cleverson, 22 anos, dançarino e presidente da quadrilha do bairro.

PROBLEMATIZAÇÃO

O bairro Gerardo Cristino de Menezes está situado na cidade de Sobral/Ceará, e até o início dos anos 2000 pertencia a outro bairro; é que sua formação se deu em meados da década de 1990,

quando uma parte desse outro (no caso, o bairro Sinhá Sabóia), ficou inundada em decorrência das fortes chuvas. Eu vivi esta experiência na época. Somente a partir de 2005, é que sua formação se deu de forma mais intensa, devido a construção de casas populares que começaram a ser entregues às famílias de baixa renda. Desde então, passou ao status de bairro, desvinculando-se, portanto, daquele ao qual pertencia. Antes da denominação Gerardo Cristino e da atual formação, o espaço era conhecido como Conjunto Santo Antônio, muito embora, ainda exista a título de identificação um apego a esse nome, talvez como uma forma de situar melhor quem não seja do bairro.

Já houve e há alguns casos de violência no bairro Gerardo Cristino, onde, jovens tiveram suas vidas ceifadas. Essa violência teve o envolvimento de coletivos de jovens rivais dos dois bairros. Existe uma rivalidade bem acentuada entre alguns jovens do bairro em destaque com os de outro, também vizinho, o Dom Expedito.

É comum ouvir de mototaxistas, pessoas conhecidas de outros bairros e até em jornais locais, falarem que o bairro seria uma espécie de trincheira conflituosa ou *zona de perigo*. Se um fato criminoso acontece em qualquer um dos bairros, resultante de ações sustentadas em rivalidades territoriais, não demora muito para se ouvir dizer que foram os do lado de lá, no caso, alguns daqueles que moram no Gerardo Cristino. Vale ressaltar que isso não é uma ação generalizada, ou seja, nem todos pensam dessa forma. Sendo assim, um dos condicionantes que reforçam o estigma nessa situação específica parece ser as alegações sobre os casos de violência envolvendo, sobretudo, os jovens. De acordo com Júnior e Medeiros, “Há um naturalismo e determinismo identificados à associação da juventude pobre com a violência. Ao acatar esta situação como inevitável, a sociedade se abstém de se analisar criticamente, refletindo acerca das suas contradições” (JÚNIOR & MEDEIROS, 2005, p. 216). Ao conjugar juventude pobre, negra e moradora da periferia, logo surgem os preconceitos sobre o lugar. A segregação surge como uma resposta à justificativa da evitação desses espaços e seus moradores, o que certamente têm implicações práticas bem intensas na vida das pessoas. O bairro pobre, a periferia, a favela, e outras classificações que designam a separação entre ricos e pobres nas zonas urbanas, trazem consigo uma carga de preconceitos e segregação muito intensa. É como se vivêssemos em diversas sociedades numa mesma escala de tempo, mas que desobedecem às escalas espaciais, porque estamos mapeados de forma arbitrária, cruel, desumana e ilegítima. Nesse desequilíbrio, estão os habitantes desses espaços, e aqui, onde o foco é a periferia, eles se encontram em vias de oposição à ‘organização’ tanto dos lugares, quanto à elaboração e difusão dos discursos hegemônicos, que tratam de colocar todos no mesmo bojo, dando a ideia de coesão e homogeneidade.

Atendendo aos objetivos propostos, se apresentam nesse momento, alguns interlocutores que narram suas experiências sobre o bairro. Expõem as considerações sobre o lugar, onde enfatizam as relações estabelecidas.

Os entrevistados na sequência, disseram que foram alertados por outras pessoas sobre não virem morar ali pelo fato de ser muito perigoso. Claudenice relata que “(...) antes de eu vir prá cá já fui né abordada por pessoas que me pediram prá que eu não viesse, que aqui era um bairro perigoso, que eu não trouxesse meus filhos prá criar aqui, que aqui era um bairro perigoso, só tinha vagabundo, e aí não escutei tive que vir” (CLAUDENICE, (depoimento), 10/10/2016). Railson recorda o que as pessoas falaram para sua família quando resolveram vir morar. Enfatiza que “Quando eu vim morar aqui, muitas pessoas falavam que aqui é uma região perigosa, e que tinha esse atrito entre gangues” (RAILSON CARLOS, (depoimento), 16/10/2016). Essas narrativas deixam clara a condição de segregação e estigmatização desse espaço, onde todos que ali se colocavam, pareciam compartilhar das iniciativas de violência que ocorriam ali, realidade essa, que nem um dos entrevistados esconde, mas, colocam na conta do tempo, sobretudo, no passado, a presença dessas ações. O senhor José Airton, esclarece seu empenho em melhorar a imagem do bairro logo que chegou ali. Destaca que o objetivo da criação da associação de moradores foi justamente com o de instituir entre os moradores, um engajamento, envolvimento e tentativas de aproximação, já que todos vinham de outras partes da cidade. Sobre essa segregação, Aragão (2008) ressalta “O bairro pobre, invariavelmente, está associado à violência e à delinquência, de tal forma que todos os habitantes passam a representar, para a Cidade mais ampla, fonte de ameaça social, perigo, desvio e ilegalidade”. (ARAGÃO, 2008. p. 37). O senhor Luis ressalta a prática da violência no bairro, mas com um discurso assentado no passado, evidenciando na sua fala que no presente, há uma mudança positiva no que tange a isso. Ressalta que “O bairro tá mais tranquilo, tamos esperando que continue do jeito que tá, que não está tendo mais violência, mas no começo teve umas mortes, a gente não podia nem sair de casa, hoje a gente tá podendo (LUIS, (depoimento) 31/01/2017). Cleverson acentua na sua fala que o bairro precisa de ações culturais que possam engajar os jovens, ressaltando que isso tiraria o foco ou o possível interesse destes em práticas delituosas. Seu envolvimento com a quadrilha se consolida no objetivo de dar visibilidade o bairro, porque segundo ele “(...) nós ensaia, batalha, prá poder carregar o nome nas costas do nosso bairro, né? (...) levando o nome da quadrilha, mas representando o nosso bairro, a gente trabalha nisso, focando mais em cima do bairro (CLEVERSON, (depoimento) 01/02/2017).

Percebe-se que os interlocutores, mesmo que concordem com a existência de práticas violentas no bairro, não estão fincados somente nesse tema; dão mais ênfase para as relações que se estabelecem ali, e de pronto, já nos fornecem as ferramentas de análise quando tratamos de ver essas relações enquanto variáveis do conceito de lugar na geografia. Para Souza (2013), o lugar é analisado de acordo com sua dimensão simbólica, além de ser atrelado a topofilia, descrito como sendo o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Quanto a relação com os moradores do bairro, é

pertinente aludir àquilo que Souza (2013) concebe como “lugarização” para fazer analogia com a territorialização, onde a apropriação do espaço por parte de outros, se dá com novas perspectivas. E sobre violência, sobretudo, como um condicionante intrínseco à periferia, cabe uma reflexão mais apurada, pois, Andrade (2007) tem nas exposições de Minayo (1997) a comparação da violência a um quebra-cabeça, que só pode ser compreendido pela união de suas peças; mas esse entendimento supera essa junção que ao ser reunido fornece um retrato compreensível de algo. Para ela, “(...) a violência sempre se apresenta como realidade fugidia, complexa e controversa”, e completa, “(...) em relação a ela, a soma das verdades individuais não reproduz a verdade social e histórica, e os mitos e crenças costumam distorcer a realidade, como um espelho invertido”. (ANDRADE, 2007, p. 129). Sendo assim, classificar o bairro Gerardo Cristino apenas como um reduto onde a violência é a peça chave para rotular as pessoas e as relações entre si, além de ser arbitrário, deixa de considerar os códigos implícitos tanto nas interações quanto no âmbito individual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, fica perceptível que os moradores aqui mostrados, não se queixam tanto sobre as posturas eventualmente negativas que possam ocorrer ali. Veem o bairro como um lugar que foi se construindo com a participação dos moradores, dando a impressão de que eles desejavam romper com as antigas práticas reprováveis e, portanto, pelo menos no que tange aos aqui entrevistados, deram sua parcela de colaboração quando adentraram as vias por onde correm as boas ações e, hoje, o bairro está da forma como se encontra, porque foram capazes de ir além da mediocridade antes reinante.

AGRADECIMENTOS

Destaca-se nessa seção os agradecimentos a todos aqueles que contribuíram para que os resultados até agora fossem possíveis de serem apresentados, de modo especial, aos interlocutores citados: Francisca Claudenice, Railson Carlos, José Airton, Luis Vilmar e Cleverson.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- ANDRADE, Carla Coelho de. **Entre gangues e galeras: juventude, violência e sociabilidade no Distrito Federal**. 2007. 276 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social-PPGAS da Universidade de Brasília, 2007.
- ARAGÃO, Elizabeth F. Novas modalidades de preconceito: a “discriminação por endereço”. Fascículo – 02-Responsabilidade social: futuro sustentável é futuro de paz. Curso: **Responsabilidade social e sustentabilidade para um mundo melhor**. Universidade Aberta do Nordeste e Fundação Demócrito Rocha, 2008.
- JÚNIOR, Edísio F.; MEDEIROS, Katia. Desrespeito à Imagem: a brutal exposição do jovem morto. In: ALVIM, Rosilene; QUEIROZ, Tereza; JÚNIOR, Edísio F. (orgs.). **Jovens & Juventudes**. João Pessoa: Editora Universitária-PPGS/UFPB, 2005.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Trad. Maria Cecília França. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 1. Ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.